

OS CAMPONESES DA VÁRZEA DO OURO, EM RONDONÓPOLIS (MT): UM DOSSIÊ (1970/2020)

Delma Gonçalves de Assis¹

Aires José Pereira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender, documentar e relatar o processo de formação (1970), extinção (1990) e a configuração atual (2020) do núcleo rural da Várzea do Ouro. A sua história é baseada nos depoimentos dos camponeses na perspectiva da luta pela posse da terra. A Várzea do Ouro está localizada à 16,30 LS e de 54,76 WGr, no km 226 da BR-163/364, no sentido Cuiabá. A metodologia empregada foi baseada nas percepções, vivências e na memória dos moradores numa perspectiva participativa e crítica da realidade social. Espera-se que o dossiê possa contribuir para uma discussão humana, política e social dos direitos dos trabalhadores do campo.

Palavras-chave: Camponês; a luta pela terra; violência no campo; o direito à terra.

ABSTRACT

The objective of this work was to understand, document and report the formation process (1970), extinction (1990) and the current configuration (2020) of the rural center of Várzea do Ouro. Its history is based on the testimonies of the peasants in the perspective of the struggle for land ownership. Várzea do Ouro is located at 16.30 LS and 54.76 WGr, at km 226 of the BR-163/364, towards Cuiabá. The methodology used was based on the residents' perceptions, experiences and memory in a participatory and critical perspective of social reality. It is hoped that the dossier can contribute to a human, political and social discussion of the rights of rural workers.

Keywords: Peasant; the struggle for land; violence; the rights to land.

¹ Graduada em Geografia pela UFMT. E-mail: delmadeassis@hotmail.com

² Professor Associado II do curso de Geografia e do Mestrado em Gestão e Tecnologia Ambiental da Universidade Federal de Rondonópolis. E-mail: aires@ufr.edu.br.

INTRODUÇÃO

“É a parte que te cabe deste latifúndio. É a parte que te cabe deste latifúndio (...), mas a terra dada, não se abre a boca”.

Na canção intitulada “Funeral de um lavrador”, Chico Buarque (1965) musicou os versos do poema de João Cabral de Melo Neto, parte do livro *Morte e Vida Severina*. A tríade traz uma profunda crítica social sobre a sofrida vida dos nordestinos na década de 1950, referencial oportuno para início desta história. Convidativo é para compreensão e apreensão da realidade do meio sócio espacial do qual fazemos parte. E isso justifica incluir a canção que explica a diversidade do todo para a relevância de determinado tema.

Estudar o núcleo rural de Várzea do Ouro é compreender as relações que se estabelecem em diferentes escalas, e que se materializam no lugar no transcorrer da história. O pensamento corriqueiro sobre a apropriação do relevo é o primeiro olhar que se tem do mundo, isso começa pelo primeiro lugar e primeiras paisagens percebidas.

Dada a diversidade topográfica do relevo brasileiro, estaremos em algum lugar no momento desta leitura. Interessante questão a ser esmiuçada sobre a superficialidade e a profundidade da discussão. E qual a habilidade que se estabelece com as palavras. É também o lugar de fala, sobre qual é a parte do latifúndio que se pertence, como algo desafiador e instigante dentro da inconfundível brasilidade. E no lugar materializado neste instante da leitura, numa provocante indagação do resultado do passado no presente e no agora. Qual o seu lugar agora?

Para isso, dada as instâncias e estâncias, considerou-se as formas de uso da terra e dos recursos do lugar. Questões do garimpo e as estratégias de sobrevivência de pequenos agricultores, evidenciando costumes e marcas deixadas ao longo do tempo na paisagem. Bem como, a cultura do povo caipira.

Organizado de forma a apresentar o núcleo rural de Várzea do Ouro, distante 30 km do perímetro urbano de Rondonópolis e do qual é parte rural. Os capítulos são propostos para a comunidade de forma contextualizada no espaço e no tempo através das vivências e memórias dessa gente. A partir desta apresentação, busca-se

fundamentar por meio de teorias e conceitos o histórico brasileiro de luta pela Terra dentro do estado de Mato Grosso. A conhecida luta pelo uso justo da terra no contexto rural e pluralidades do Brasil.

Em seguida, a descrição do lugar na atualidade como objeto de estudo; ou seja, do lugar apropriado pelo povo e como se deu, por meio do cotidiano, assim como as estratégias de resistência que o totalizam.

Considerando o que foi exposto, ocorre a busca por elementos através da história, memória, do cotidiano e das vivências na comunidade, que apontam o acontecer do lugar onde vivemos, como referencial de origem. E ajuda a compreender a realidade e transformá-la enquanto meio social.

Diante dessas considerações, este trabalho é feito por mil mãos, cada página montada com a vivência do povoado de Várzea do Ouro, pequeno ponto a noroeste do município de Rondonópolis. Na grandiosidade deste pálido ponto azul como escreveu Sagan (2020?): Não importa o lugar onde vivemos sobre a Terra, não importa qual seja a nossa língua, costumes ou política, temos um céu azul sagrado em comum. A nossa linhagem evolutiva é marcada pelo domínio da mudança, muitos erros sem condições de conserto, mas inúmeras possibilidades de acertos pela frente, embora ínfimas, porém possíveis.

Essa constante inquietação enquanto nativa nesta temática e com relação às singularidades e as diferenças entre os lugares, que encaminham este estudo ao lugar rural e suas nuances no transcorrer do tempo histórico. É fruto de amadurecimento teórico sobre algo que já me instiga em toda graduação: a importância do “Lugar” e o universo de infinitas discussões que o recorte do espaço pode trazer. Aqui se trata do povo com *R* retroflexo, palavras abreviadas e sotaques diversos. Ricos de saberes milenares e da mais significativa simplicidade a compor a natureza dessas interações.

A comunidade Várzea do Ouro é uma discussão a fim de buscar respostas para as inquietações. Vem resgatar e registrar a história deste lugar que muito diz sobre a minha família e demais moradores, amigos e parceiros do caminho.

Ao que se pode ter como objetivo principal deste trabalho compreender o processo de formação da Várzea do Ouro e sua história dentro da perspectiva da luta pela posse da terra. Elencando as influências do processo de transformação a contar

pelos primeiros moradores, à atual configuração do lugar. Dentro deste propósito os objetivos específicos visam levantar informações sobre o processo de formação do núcleo rural Várzea do Ouro em Rondonópolis-MT nos anos de 1970/ 2020; identificar o lugar sob o ponto de vista de uso e apropriação do espaço e apresentar as histórias, vivências e memórias de antigos moradores.

Procedimentos Metodológicos

Considera-se neste artigo, retratar e compreender a comunidade Rural de Várzea do Ouro com todas as suas pluralidades, com o olhar que retrocede ao passado e analisa o presente. Espécime de reconhecimento da área de estudo, posto que nascer neste lugar, me insere como sujeito e objeto de estudo. Isso reforça a eficácia do trabalho de campo que o autor Tarifa (1999), propõe como forma pedagógica construtiva, participativa e crítica numa concepção teórica de totalidade.

O necessário contato direto com a população mostra o estudo, mesmo tendo que reencontrar esses moradores em outras localidades, fora do povoado rural de Várzea do Ouro e do perímetro municipal, ao qual se insere.

A pesquisa é inicialmente dirigida aos primeiros moradores do lugar que chegaram na década de 1970, o que demandou buscar informações para reencontrar os primeiros 30 fundadores, onde alguns *in memoriam* foram representados por filhos (as) e netos (as). O que demandou visitas às cidades adjacentes ao município de Rondonópolis, assim como bairros da periferia de Rondonópolis para se utilizar de fonte oral através das memórias guardadas pelos sujeitos. Quando Cândido (2017) estudou a cultura caipira no município de Bofete no contexto histórico de 1948 a 1954, ressaltou que o interesse pelos casos individuais enriquece com detalhes significativos que constituem elemento fundamental de senso qualitativo. Sendo o contato com a realidade viva tão importante quanto a quantificação da manipulação de dados de critérios estatísticos ou cumulativos.

No decorrer do artigo está dimensionado a memória dos primeiros moradores como importante ferramenta que contribui para a realização desta pesquisa. E que de modo algum, repudia a objetividade científica e sim a convicção da problemática em ambas as perspectivas, ou seja, sujeito e objeto.

O ponto de partida compreende a vida, o meio e o grupo que se integram e se unificam de forma dialética, o que se pode inculir o conhecimento da tríade “percebido-vivido-concebido”, desenvolvida pelo notável pensador marxista contemporâneo, o francês Lefebvre (2000). Amparada por estes conceitos, compartimenta-se a área de estudo em categorias para melhor compreensão, onde o início na BR 163/364, seguindo por áreas que terão os nomes dos primeiros moradores na linguagem coloquial caipira, e o lugar compartimentado pelos Manchões: Manchão da Onça, Manchão da Confusão, Manchão da Nita, Manchão do Caco e Manchão do Rebaixo.

Trata-se, portanto, de um olhar amplo e profundo que compreende várias ciências, naturalmente estabelecido pelo complexo caráter de totalidade da ciência e do lugar. Há então, um misto de contribuições da sociologia, história, geografia, geologia, biologia e outras mais, para a possibilidade de conclusão. Algumas entrevistas, cuja valoração da oralidade e informalidade foram evidenciadas e gravadas com aparelho gravador de voz digital mgp 556 (17620 m/8gb/usb) da marca tomate. As fotografias feitas por câmera de celular Samsung SM- A750G.

O trabalho de campo feito na comunidade se iniciou no ano de 2018 para levantamento de campo. Seguindo intervalos de tempo alternados, de forma a compreender o cotidiano dos remanescentes até o ano de 2020. Muito útil para aumentar a oferta de informações escritas sobre pequenas comunidades rurais e minimizar a problemática referente ao conhecimento da existência desses lugares conforme a história vem revelando.

A localização delimitação da Várzea do Ouro, feita com suporte de antigos moradores, foram utilizados como ferramentas úteis para complementar a tecnologia dos SIGs necessários na construção das cartas temáticas.

Os dados foram editados no ambiente de Sistema de Informação Geográfica (SIG) *Arcgis*, que fornece infraestrutura para criar mapas e buscar informações geográficas com apoio do *Google Earth*.

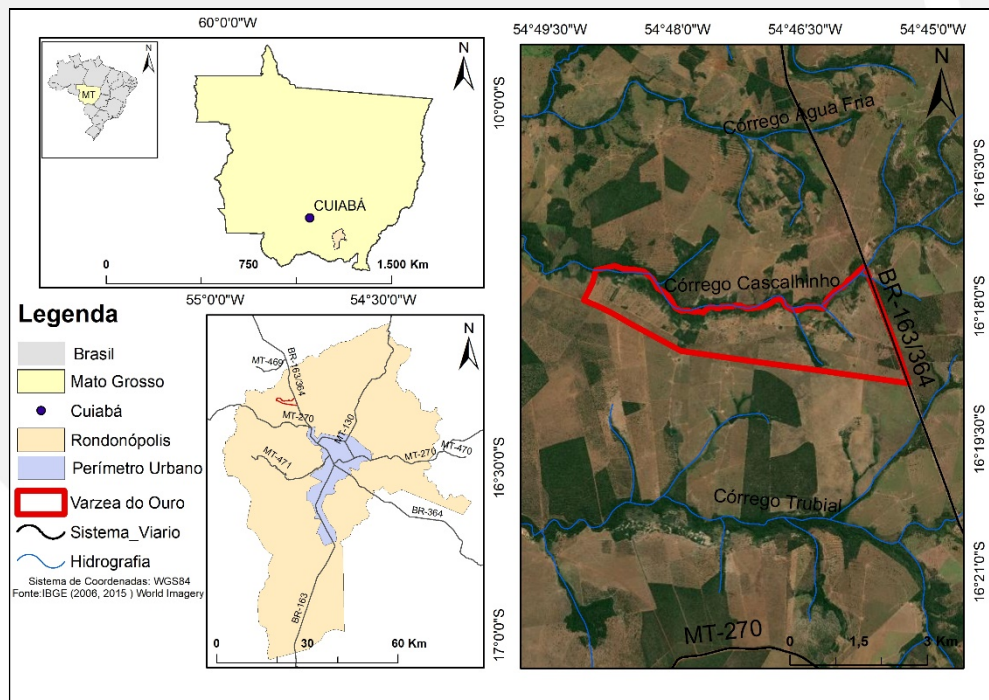
Deste modo, estes levantamentos, reunidos são primordiais para as reflexões e os limites de análise. Possibilitando melhor apreensão de especificidades do lugar que implica no conhecimento do mapa, como forma de representação do espaço.

Um lugar chamado Várzea do Ouro

Os lugares se fazem em diferentes escalas e escolas teóricas, podem ser a rua, a casa, o bairro, a igreja, a escola das baixas altitudes de clima tropical e ao mesmo tempo os mais altos fiordes da gélida paisagem islandesa. Um filme de fotografias e o conteúdo do recipiente que insere Santos (2017) e Lefebvre (2000) no mesmo espaço geográfico.

É o que (SUZUKI et al, 2016, p 136) consideram o lar dos homens, pleno de felicidade, dilemas, desenvolturas, bem-querência, conflitos, sentimentos e entendimentos. Contempla, igualmente, um mosaico de traumas e desamores. O lugar é o que se começa nas vias e fluxos e imerge para as várzeas inundadas de histórias.

Figura 01: Localização da área de Estudo, Área Rural de Várzea do Ouro em Rondonópolis (MT)



Em razão disso, a BR 364 é hoje uma das rodovias de fundamental importância para o escoamento da produção das regiões Norte e Centro-Oeste do país. Um ponto de referência para os primeiros moradores de Várzea do Ouro. Era conhecida como reta do ponto de ônibus interestadual que levaria até a cidade e vilarejos adjacentes. Está localizada a noroeste da zona urbana de Rondonópolis

dentro do perímetro municipal, Km 226; sentido capital Cuiabá. O município se distancia cerca de 215 Km da capital pela rodovia BR-163/BR-364, fazendo divisa com os municípios de: Itiquira, à sul, Pedra Petra e São José do Povo à leste, Poxoréo e Juscimeira à nordeste e noroeste, e Santo Antônio do Leverger à oeste. Situa-se nas coordenadas geográficas latitude 16,307698 e longitude 54,757539 e 326 m de elevação. Como se pode ver na (Figura 1), onde de um lado o fluxo da via pavimentada e de outro, a vicinal que dá início à área de estudo.

Várzea do Ouro se estende do espigão rebaixado que separa o vale do Córrego Tribial do Córrego Cascalinho, até as planícies dos rios.

Nos dias atuais(2020), um ponto em comum de todo o caminho além do exagerado aumento das pastagens para pecuária, é a perceptível riqueza de água, usada para piscicultura. Hoje restam 16 propriedades na atual estrutura agrária, compreendendo pequenos e médios sítios circundados por fazendas de grande extensão a caracterizar o agronegócio.

Das observações do caminho e do desenvolvimento econômico, cada povo veste a roupa do seu tempo. Há aqui relatos de um espaço eternizado nas coordenadas geográficas, todavia, modificado pelas transformações do tempo. Das vistas aéreas pelo SIG wikiloc, se pode ver que a água abundante, outrora usada para lavagem do cascalho na busca dos diamantes, hoje dá lugar aos tanques de água para piscicultura. E as conhecidas pastagens destes solos, cujas erosões além de seu aspecto natural, podem ser vistas como testemunhas do passado marcado pelo extrativismo mineral.

A mesma água que fazia com que essas várzeas fossem apenas brejos, tornando essas terras baratas. Hoje consideradas de alto valor venal justamente pela abundância de terra embebida de água.

A vida Cotidiana (1970/2020)

Do livro *O Vale de Campan*: “Vamos agora abordar a história propriamente dita da comunidade, compreendida aí sua “história factual”, os incidentes e acidentes notáveis que sobreviveram”. (LEFEBVRE, 2011 p. 158).

Depois de tantas audições, um ex-morador da Várzea do Ouro, o Lula – O Filho do Luizão explica a origem do nome do povoado. Tanto quanto previsível, as explicações dadas às circunstâncias ocorridas desde o princípio neste lugar. Contudo, a envolver fatos do contexto histórico daquele período, sobretudo, a fase política que o Brasil e o mundo atravessavam em meados de 1960 ao limiar dos anos 1970.

Segundo Lula da Várzea (2019), na busca por esconderijo seguro, em razão da ditadura militar no Brasil, alguns fugitivos se escondiam em lugares de várzeas conhecidas como brejos, para dificultar a possível captura dos mesmos por parte das autoridades. Estes fugitivos poderiam ser caracterizados como perseguidos ou mesmo como desertores da ditadura militar.

A tentativa de fuga ou deserção leva vidas humanas a lugares inóspitos que resultam em falta de provimentos essenciais à sobrevivência. Geralmente são esconderijos que geram necessidades, sendo a ingestão de água a maior delas e também a vital. Pode-se dizer então, que pelas lendas do passado, água, este alimento primordial, deu nome à Várzea do Ouro. Reza a lenda que ao perfurarem o solo em busca de água, esses fugitivos, não somente mataram sua sede de água, bem como, desenvolveram outra necessidade: O Ouro!

A escavação presenteou com algumas pepitas de ouro aos fugidios e em pouco tempo a notícia se espalhou pelo Brasil. No linguajar caipira, o popular “boca-a-boca” logo correu para transmitir informação aos demais interessados.

Pela memória de dona Enedina (2019), viúva de Manelão e ex-moradora, na década de 1970 chegou a ter cinco mil pessoas revirando aquele solo, ora brejoso, ora pedregoso, na sede por ouro em suas bateias. Resultando nos emburrados[1] que ainda hoje são vistos nos locais dos antigos manchões.

O ouro que deu fama ao lugar não se encontrava facilmente, muito pelo contrário, e isso é visto pelos pioneiros como ato de sorte para os primeiros que ali

chegaram. Um presente de boas-vindas ou consolação por desertar dentro do seu próprio país. Porém, os diamantes, mais do que o ouro, reluziam feito estrelas no céu naquele chão.

Alguns diamantes até mesmo vistos na superfície, após a chuva, alguns pequeninos como prova geológica de suas presenças. Outros encontrados nas moelas das galinhas criadas soltas nos terreiros das casas de pau-a-pique. No domingo o habitual frango caipira, cuja disputa na higienização das moelas ficava a cargo das crianças e gerava intensos atritos infantis no sonho de bamburrar[2] em moelas.

Pessoas de várias regiões do Brasil ajudaram a construir o lugar que custou a desconstrução da primeira natureza de Várzea e reconstruiu nova forma na paisagem, do contínuo transformar da sobrevivência humana.

Munidos de pás e picaretas, a identidade garimpeira desenhou algumas crateras. Problemas inerentes às relações do meio e sociedade passou a coexistir neste espaço que recebia dentro das categorias de Santos (2014), nova estrutura, forma, função e processo.

O efêmero crescimento populacional é a marcante característica dos povoados de garimpo, realidade que não é exclusiva daqui, mas sim de todos os lugares de extração mineral. A relação é passageira de aspecto temporário como características proeminentes da atividade extrativista mineral. Mas o raro, historicamente é caro e muitos foram atraídos para a várzea apenas pelo desejo ou fetiche do ouro que cedeu protagonismo aos diamantes.

As casas eram feitas de pau a pique e telhados de palhas, com artigos rudimentares e escassez de conforto, em razão de tratar-se de breve período como rito de ocasião, bem como, os padrões de valores da época. Tudo era ditado pelas oferendas de minerais preciosos que aquela terra lhes daria, em decorrência de tempo de duração. O lugar de passagem para esses primeiros chegados.

Ainda assim, há que se referir ao período dos anos de 1970 como busca por melhores condições de vida para a maioria do povo brasileiro. Várzea do Ouro era para estes, aqui referidos, o símbolo dessa esperança, buscada exaustivamente entre os cascalhos dos manchões que dia após dia recebe novo dono.

Os Depoimentos e as Raízes históricas

Falar da sociedade que se configurou nos primeiros anos da Várzea do Ouro sem lembrar do senhor Antenor *in memoriam*, sentado na sua porta que virava janela por ser dividida em duas partes é o mesmo que negar sua história. Sempre apostos para os acontecimentos do lugar, segurando a bengala tão brilhante quanto sua pele morena ou com os chinelos trocados na pressa de contar o acontecido em primeira mão para vizinhos mais próximos. A exemplo da vaidade de Katarina com batons vermelhos e roupas alegres em meio aquele povo sem tempo, ou condições monetárias para colocar cor na roupa. Mas sempre haverá seres humanos surpreendentemente, sobreviventes felizes e esperançosos, em qualquer instância do espaço social.

Em 1977, vinda do Município de Dom Aquino MT, Tiana Pedrosa ainda era a menina que estudava com seus irmãos na escola Rural Mista de Várzea do Ouro. Seus pais trabalhavam no garimpo, assim como as 300 famílias, que ela cita em áudio por conta do distanciamento social imposto pela pandemia de 2020. Aos 16 anos ela conhece “Enezin”, futuro pai de seus 5 filhos. Era o tocador de sanfona vindo da Bahia. Alegrou as festas depois da lida no garimpo e na roça de mandioca, arroz, feijão e milho. Com o passar do tempo sua saúde foi ficando debilitada. A alfabetização das crianças também foi feita na mesma escola da Várzea, cujo professor vinha de Rondonópolis usando bicicleta por 30 quilômetros de segunda a sexta-feira.

No ano de 1992 foi necessário se mudar para a zona urbana, Enezin precisava de hemodiálise e a estrutura da Várzea do Ouro não oferecia nem as condições básicas de cuidados no trato da doença.

Dona Tiana, hoje senhora, conta que foi necessário vender a propriedade, pois até a água usada nos afazeres diários precisava ser trazida dos córregos próximos em latas d'água na cabeça. Sem contar a falta de luz elétrica. Tudo isso somados a uma mãe com o esposo doente e cinco filhos para cuidar. Infelizmente, Enezin não venceu a doença e faleceu no mesmo ano em que se mudaram para zona urbana. Atendendo ao pedido dele, a família fez o sepultamento no pequeno cemitério de Várzea do Ouro. Era desejo deste sanfoneiro chamado no diminutivo pelo povoado por ser magrinho e de baixa estatura. Segundo a família, foi neste lugar de tantas

lutas que ele confessou ter vivido os melhores momentos de sua vida. Atualmente a viúva, mãe de cinco filhos, vive na cidade mais próxima do antigo povoado.

O Irmão Geovaninho (Minas Gerais), antigo dirigente da igreja evangélica, apaixonado pela cidade onde mora atualmente (2020), distante cerca de duas horas de Rondonópolis, cuja elevação foi de quase (700 m). Diferentemente das baixas altitudes das várzeas, permite temperatura mais amena, contrastando o calor rondonopolitano. É nesta cidade alta que se encontra parte dos antigos moradores de Várzea do Ouro. Dentre as informações obtidas, lá residem cinco famílias que no auge dos anos 1980 tentaram a sorte nos garimpos da Várzea.

O irmão Geovaninho, assim chamado por ter sido pastor na igreja criada em meio aos manchões, assim como “Cowboy”, filho da parteira Ricardina e do conselheiro “Raimundin” e João Cambão, entre outras pessoas.

Na tarde de sábado, 06 de outubro de 2019, Death, (filha de Geovaninho) se mostrou preocupada com a forma correta de escrever seu nome e recomendou o *th* no final. Ela, que viveu a infância em meio aos “emburrados”, mora na casa dos fundos da oficina de funilaria, cujo ar, mistura cheiro de graxa e lavanda. Em seu lar tudo muito bem arrumado e cheiroso. Nela se encontra a costumeira afetuosidade de todas as entrevistas feitas. Na época da infância seu pai era o dirigente de cultos, conhecido como diácono e teve 9 filhos. Ele era o pastor que veio de Pedra Azul, Minas Gerais, aos 18 anos em 1963, deixando pais e irmãos para trás, vindo em busca de oportunidades melhores de vida. Irmã Alzira veio também jovem de Lagoinha na Bahia, aqui conheceu o futuro pastor e formou família. Estabeleceram-se na zona rural em torno do garimpo e plantio de pequenas roças para subsistência. Viveram por algumas décadas na várzea, mas aos poucos, o sonho de adquirir o pequeno pedaço de chão foi substituído pelo medo.

Ao ser questionada sobre o porquê de se mudarem ela nem espera terminar a frase e completa que foi por medo: “vendemos nossas terras a preço de banana, foi tudo muito rápido, meu tio negociou tudo. Em um dia ele vendeu e no outro o caminhão encostou para levar a mudança. Nem nos despedimos”!

Havia se instaurado o terror nos meados de 1980 por disputas por terras. E ainda há no Brasil, o embate conflituoso entre grileiros e posseiros. Todos tinham

medo de morrer e ninguém mais dormia! Era geral, todos com pensamento fixo na morte do Piauí. Um dos entrevistados nos afirma que:

A venda de nossas terras, ou seja, os 15 hectares conquistados por usucapião, quase não deu para comprar o terreno aqui em Primavera, um início difícil. Primeiro pelo fato de nos adaptarmos à zona urbana, aos novos amigos e as dificuldades financeiras.

O dirigente, o irmão, agora no auge dos seus fios brancos, hoje morador de um distrito, conta orgulhoso que se aposentou como segurança de banco. Aos 74 anos, visitou seus irmãos deixados para trás, 40 anos depois. Conta que vive atualmente em lugar calmo, com quintal de tamanho razoável para manter suas plantinhas e remédios. Viúvo da irmã Alzira que teria 72 anos.

“JOÃO CAMBÃO” (O filho do Augustão). Trinta anos passados e, depois do abraço, o bom humor do rapaz da infância continua o mesmo, exceto o seu jeito de andar, que mudou após acidente de trânsito em sua profissão de motorista de caminhão. Seu andar levemente coxo não lhe tirou o sorriso em nenhum instante. A conversa toma o formato, ali mesmo, sentado na calçada de sua residência com sua esposa Mary. A princípio a conversa flui em busca de notícias dos outros moradores da Várzea. Perguntas conhecidas como: quem se casou? Tinham filhos? Quem morreu? Quem nasceu e afins. João é um dos 11 filhos de “Augustão e Ana”. Augustão era o temido morador da Várzea do Ouro, conhecido por suas rezas bravas e por sobreviver a 7 picadas de cobras. Todas curadas com suas “rezas”. Para desespero da família, ele nunca frequentou igrejas, mas mantinha seus rituais de fé, ao passo que sua esposa a Irmã Ana fazia parte do círculo de oração da igreja evangélica do vilarejo.

No ano de 2019, João Cambão, um homem de meia idade, conta que seu pai foi um grande garimpeiro e que conseguiu pedras valiosas, mas se envolveu com muita bebida e jogos. Confessa sua infelicidade na época da divisão das terras da Várzea, pois não foram muito felizes com a localização, pois se tornaram vizinhos de um “tal” de Pedão, conhecido pela política de pouca vizinhança e revelado inimigo de seu pai. Ele conta que na Várzea do Ouro na década de 1980 montou a associação de moradores com finalidade de adquirir o direito à terra por usucapião, cujo líder Raimundo Nonato (“Piauí”) distribuía os lotes de acordo com sua escolha, deixando

João frustrado por ser vizinho de homem feito o Tal temido “Pedão”. Na época das reuniões, João era o escrivão da Ata. Todos os acordos feitos nos encontros eram devidamente anotados por ele, que trabalhava como removedor de seixos maiores para a coleta de cascalho adequado para o garimpo, criando grande aglomerado de emburrados. A maior parte das cascalheiras era removida por ele que conquistou o sobrenome “Cambão” em comparação aos carros de bois, referência a sua especialidade sofrível nos manchões[3].

No entanto, o viver na cidade era o desejo dos jovens e até mesmo dos idosos, porém, maior para os jovens deste lugar. Para João era tudo muito difícil e longe. Ele conta que se tivesse continuado no mesmo ritmo de esforço teria envelhecido antes do tempo e adoecido. Por isso se mudou com toda a família para a cidade que vinha se tornando destaque nos anos 1980 por conta do agronegócio em Primavera do Leste -MT. Ao ser questionado sobre o preço da venda de suas terras na Várzea do Ouro, respondeu que recebeu bom dinheiro, conseguindo cerca de um milhão e meio de cruzeiros na época. Segundo o morador, tudo se deu muito rápido entre oferecer a terra e vender. Todos os outros pertencentes da família que também adquiriram terra em períodos parecidos, igualmente venderam suas terras e se mudaram para a mesma cidade. João fala que a principal causa da saída de sua família estava calcada na falta de condições de vida e acesso a saúde, transporte, alimentação e comércio. Conforme flui a conversa, ele relata que o tipo de solo só oferecia pequenos plantios como feijão, mandioca e alguns locais propícios ao arroz, o que compromete a outra parte de alimentação que era comprada na cidade e nada acessível para as condições de vida na época.

Quanto ao líder da associação, assassinado por “tocaia” como dito na entrevista, João conta que era o braço direito de Piauí e que na hora dos disparos estava junto com ele. Seguiam pela estrada de chão em direção a “Reta” atual BR 364 para pegar o ônibus interestadual com a finalidade de realizar mais uma reunião no Sindicato dos Trabalhadores Assalariados Rurais de Rondonópolis.

Nem sempre faziam o trajeto a pé, mas naquele dia fatídico o carro teve problema mecânico na bomba e não foi possível fazer uso do Chevette azul que sempre estourava os colchetes do “Bastião Baiano” que rogava praga até a quinta geração do “Piauí Baco Baco”.

João conta que havia um carro logo à frente parado. Após os disparos que atingiram em cheio o líder dos moradores, o assassinato de Piauí era coisa planejada. “*Coisa Feia mesmo*”. Hoje, João é um motorista amparado pelo INSS e espera a liberação do Sistema Único de Saúde (SUS) para cirurgia no joelho, sequela do acidente que o deixou por três meses internado em UTI. Conta também que ser motorista lhe proporcionou algumas rendas mensais com aluguel e uma chácara de 2 hectares onde produz alguns alimentos e mantém viva sua gênese de homem do campo.

Dona Mariinha e Seu Victôr (janeiro de 2020), antigos moradores do Rebaixo que lutaram pelo sonho do garimpo. Ela chegou em 1975 e saiu da Várzea no ano 2005 para morar em Rondonópolis. Venderam a pequena propriedade de 5 hectares por RS4.000,00. As memórias são contadas por dona Mariinha, senhora de baixa estatura, numa casa autoconstruída e também baixinha. Com muita lucidez no auge dos 82 anos, ela conta que veio de Cáceres MT, descendente de índios e mineiros. O senhor Victôr veio de Corumbá MS, mas foi registrado no país vizinho Paraguai nos anos de 1960. Das memórias ela se lembra saudosa do finado “Piauí” e do diamante gigante que garimpou com a ajuda do finado “RAIMUNDIN”. Fala do medo que sentia das cobras e dos ventos. E mesmo assim lamenta ter saído do núcleo e a fartura de galinha solta no terreiro limpo para avistar e se proteger das cobras. Mas justifica que a falta de condições de vida e dificuldades de acesso a cidade mais próxima a fizeram abandonar a vida rural. Assim como a idade avançada dos dois. Conta que no dia do pagamento da aposentadoria precisava sair de casa ainda noite às 3h da madrugada.

Para dona Mariinha, que hoje vive na periferia da cidade, quando fala de seus medos isso inclui a morte de Piauí. No seu pensar foi morto por invejosos. E que nada tem a ver com grandes mandantes. Lembra com carinho do homem que lutou por eles.

O *Cowboy* é o filho adotivo de Raimundin e Ricardina (2020), sorridente e receptivo. *Cowboy* mora na mesma cidade de João Cambão, há 22 anos. É uma criança nativa da Várzea. Ele conta que se mudou para a cidade em ocasião da morte de sua mãe adotiva. A pedido de sua mãe biológica. Das inúmeras memórias para relembrar dos amigos de infância. Filho da parteira do núcleo, ele conta que o sonho

de sua mãe era fazer 100 partos, mas quebrou o braço após o parto 99 em 1981. Fez o último parto da “Cumadi Maria” de seu “Bastião Baiano”. Acostumado à lida na roça e com o gado, teve dificuldades quando chegou ao agronegócio urbano, mas desenvolveu outra profissão por ser conhecedor de plantas nativas do Cerrado e hoje trabalha como servidor público contratado. O medo para ele era de não conseguir sobreviver na cidade. E acrescenta que na ocasião da morte do Piauí aconteceu por vingança e afronta. Isso gerou pânico aos moradores, inclusive seu pai também recebia ameaças. Sente saudades da Escola Rural Mista que muito o ensinou e dos trajes usados na roça. Pessoas de facão na bainha ou espingarda atravessada no ombro. Para ele, os primeiros moradores da Várzea não são amigos, são seus familiares.

O homem que era imortal

“Piauí”, o líder amado/odiado de Várzea do Ouro era o Raimundo Nonato. Conterrâneo nordestino de Raimundin, parceiro de liderança e considerado o conselheiro do Povoado, de opiniões e pontos de vista políticos bem afinados com Piauí que muitas vezes parecia mais duro na abordagem.

Para alguns ele era o “Piauí Baco Baco”, pois suas ações de resistência e enfrentamento pela posse da terra eram conhecidas por seu falar corajoso, vaidoso e sem ressalvas. Temido por seus atos de coragem e considerado a voz daquele povo. Dessa forma, as iniciativas eram sempre comandadas ou analisadas por ele. Na época era diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rondonópolis que mais tarde em razão do agronegócio tornou-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados de Rondonópolis. Os cortes de Terra eram autorizados por ele, que na ocasião dos primeiros que chegaram, organizou os moradores em um espaço chamado colônia. Hoje os movimentos de luta pela terra seriam considerados como acampamento do Movimento Sem Terra (MST).

Havia boatos de Piauí ser homem de corpo fechado, espécie de notícia falsa, *fake news* da época para assustar, principalmente os cristãos que o seguiam. Inúmeras vezes as notícias de tentativas frustradas de assassiná-lo, aumentava o boato de que seu pacto o tornava imortal.

Estava sempre bem vestido e andava sempre acompanhado de outros moradores que o assessoraram. Era casado com Santinha, pai de quatro filhos e não temia o risco de morte e nem mesmo as frequentes juras de seus inimigos. O líder sindical, respondia pelas 28 famílias que deram origem a este povoado, que na atualidade, representada apenas por duas famílias pioneiras residentes ainda hoje na Várzea.

A “Santinha” vive no mesmo lugar desde o ano de 1962. Com 67 anos em 2020, ela relembra saudosa e com extrema indignação os tempos em que todas as 28 famílias formaram a colônia na luta por um pedaço de chão.

Na chegada, lá estava ela, sentada na rede armada na área que rodeia sua casa. O espaço é rodeado pelo jardim feito por ela mesma e o atual esposo Jair. Nem de longe parecia ser aquela mulher do campo, marcada pelos traumas do passado. A casa toda sombreada por árvores e flores, galinhas a percorrer o quintal todo gramado e os vasos de orquídeas pintados por ela mesma, com a mesma figura de flor e cor. As muretas da área externa da casa, com muitas flores ao redor da antena parabólica. Havia na mesa o celular analógico a explicar que o sinal de telefonia rural não é dos melhores e que a luz no campo chegou ao final dos anos de 1990. No fundo do quintal a pequena criação de porcos e mais plantações, agora frutíferas e hortaliças. Assim como o córrego Pindaíba, tomado pela vegetação do Cerrado remanescente de porte médio para proteger seu leiteo.

Depois de longas conversas, carregadas de saudosismos, Santinha decide que fará almoço. Parte da comida é feita em fogão a gás e fogão de lenha, e gordura animal utilizada para o preparo do alimento. Uma releitura de toda simplicidade do campo, ainda resistente, mesmo sendo ela um pouco urbana também, sem nunca ter deixado a vida no campo.

De pés literalmente no chão, descalços, falando de assuntos sobre o processo de aquisição da terra que conseguiu documentação de 47 hectares, muitos anos depois por direito de posse. Do total da terra adquirida, atualmente possui apenas 10 hectares que arrendou para o produtor de gado. Da viúva de Piauí, o homem que era imortal, sua força não se esvaiu quando seu esposo foi assassinado à mando de grandes latifundiários que brigavam pela terra alegando possuí-la. Ela relembra com orgulho do homem com quem lutou junto e formou família. Dona Santinha o

compara a Chico Mendes, acrescentando em seguida ser o Brasil cheio de personagens como estes. Dona Santinha, demonstra toda a indignação da mulher que viveu o terror rural nas décadas de 1970 a 1990. A prática de luta de alguns grupos de determinadas regiões do país repete o que Martins (1982, 1983, 2018) conceitua como classe camponesa que luta por anos a fio as mesmas reivindicações, onde a fronteira humana se faz maior que as fronteiras naturais.

De acordo com os relatos obtidos através dela, sobre o terrorismo vivido na década de 1980 e até mesmo as alegrias compartilhadas, grande parte da colônia foi se desfazendo pelas ameaças de morte sofridas. Como resultado, alguns abandonaram, outros venderam a preços irrisórios para grileiros profissionais que especularam a terra.

Todas as pessoas que chegaram à Várzea do Ouro tiveram que lutar pela posse, de modo encorajador, seja na formação da área de modo a obter espaço para plantio e moradia, seja pela justa luta contra o imoral uso latifundiário de Terras.

Como prova destes tristes e assustados momentos vividos, ela guarda os recortes de jornais e revistas veiculadas no ano de 1989. Dentre os quais, o Jornal A Tribuna de Rondonópolis e revista Nova Imprensa que reportaram em suas páginas os acontecimentos que aterrorizavam o lugar Várzea do Ouro em junho da década de 1980. Na manchete: A morte de um líder. Entretanto, a morte do Líder dos posseiros Raimundo Nonato, popularmente conhecido como Piauí, começou a ser planejada no ano 1983, início do terror vivido por todos conforme conta Santinha, indo de 1983 a 1986.

Mãe de quatro filhos, sendo, dois meninos e duas meninas, a senhora conta que as ameaças surgiram pelo fato de Piauí não se vender para o grande proprietário. Isso resultaria em perda para as famílias representadas por ele. Conforme relata, os grandes proprietários ofereceram terras baratas ao líder. O restante da colônia seria retirado à força policial.

A política passou a fazer parte da vida desses moradores. Era comum tomar café com nomes representantes políticos principalmente do PMDB. Eram pessoas que muito visitavam a região e tinham a confiança dos eleitores que ali viviam. Moradores, na sua maioria, leigos e superficiais em conhecimento político. O Oásis da

manipulação por parte de partidos interessados em angariar votos para manutenção da bancada em todas as instâncias de conjuntura política.

Dentre os diamantes garimpados por vários moradores da Várzea, o Piauí chegou a bamburrar um diamante no valor de 11 milhões de cruzeiros, a moeda vigente da época 1980. A vida do senhor Piauí, o homem que era imortal, terminou aos 48 anos após o disparo de tiro certo de escopeta pelas costas. O assassinato do líder das famílias deste lugar matou também muitos sonhos, pois assim, semelhante ao pensamento garimpeiro, aquele povo não acreditava que a sorte os alcançaria novamente. Isto, portanto, assim como na lavagem de cascalho, era momento de atenção absoluta. Hora de recorrer à fé e de buscar a sorte em outros barrancos e partir.

**Figura 2: Arquivo da família. R. Nova Imprensa, 1989
Assassinato do Piauí em Várzea do Ouro**



O crime nunca foi solucionado, ou seja, não houve justiça, que para dona Santinha, mulher de fé, ficará a cargo de Deus. Sobretudo, a pergunta ainda persiste, embora haja muitas hipóteses: Quem mandou matar o Piauí e o sonho de muitos naquele lugar? Talvez seja uma pergunta retórica e contínua para outros crimes recorrentes no Brasil.

Aquele sonho começado por Piauí em 1961, retratado pela autêntica e admirada liderança, se interrompeu naquela manhã de 10 de junho de 1989. O homem forte, considerado imortal e de corpo fechado, por muitos, fora atingido pelas costas. Caiu inerte. Os filhos ficaram sem o pai, confirmando as tristes tradições da luta no campo brasileiro. Não apenas os seus filhos de sangue, com seu DNA. Ficavam todos, de certo modo, como órfãos daquela terra e do líder que era humano como todos ali. Talvez com mais coragem, o que lhe imprimia tom de herói imortal.

E assim como outros, que também tiveram seus finais tão violentos em outros campos do Brasil, seu nome deu nome a escolinha que continuou a acolher os que ainda resistiam, embora por pouco tempo. Suas lições continuavam através de sua esposa Dona Santinha. Esse lugar, remanescente do extrativismo mineral, hoje é também conhecido pela Estância Tropical, que arrendou parte do pasto que tem ao redor. E “Dêga”, um dos quatro filhos se tornou o caseiro na sede desta grande propriedade.

A Produção do Espaço e as Técnicas de Cada Tempo

Antes do êxodo rural, os gentílicos de Várzea do Ouro viviam e sobreviviam da agricultura de subsistência, como afirma Cândido. “(...) vivendo os pobres, da agricultura de subsistência; os remediados à pecuária atrasada – sem núcleos, conforto nem polidez.” CÂNDIDO, (2017).

Ao povo rural de qualquer região do Brasil evidencia certas peculiaridades que lhes são próprias. As investigações de Cândido, 2017, em Os Parceiros do Rio Bonito finalizado em 1954 deixa claro esta afirmação. Há neste contexto histórico, o sistema fechado de economia baseado na agricultura de subsistência e na cooperação entre vizinhos e familiares à margem dos latifúndios. Análogo a este povoado, aproximadamente duas décadas depois e mais de mil quilômetros distantes, a repetição de culturas rústicas contada por historiadores do século XVIII e algumas

prolongando-se ao tempo presente. Tempos e espaços longínquos, mas que possuem um elo forte. O principal elo é a luta que permeia esses povos que querem um pedaço de terra apenas para sua sobrevivência e mais nada.

Explicação para essa continuidade cultural pode ser encontrada na diversidade de pessoas que se moviam de todas as regiões do Brasil, tanto do Norte, nordeste, sul e sudeste, para compor a Várzea do Ouro. Conterrâneos e xarás, trazendo consigo suas técnicas que mais dependiam daqueles homens de mil braços para lavrar a Terra. O pequeno plantio começava após as coivaras[4] e dependia muito dos recursos naturais, sendo a mandioca a rainha e a vilã da Várzea, o grande carro chefe na produção de farinha e polvilho. Os mais afortunados possuíam algumas cabeças de gado para pecuária, outros para o leite. Dessa forma a hierarquia de produção animal tinha sua base representada por galinhas soltas em todos os quintais. Seguindo a ordem piramidal de galinhas, porcos e gado.

Cada vizinho com sua própria roça de subsistência, como extensão dos quintais, assim como as hortas para uso diário dos alimentos sazonais oferecidos a cada estação. Alguns cediam terras para o plantio à “meia”. O trabalhador meeiro, geralmente era um agricultor que plantava roças de arroz, feijão, mandioca e afins em terras que pertenciam a outra pessoa e na colheita repartia com o dono dessas terras. Opção frequentemente usada por pai de família numerosa o que era muito comum na Várzea. Os filhos homens e mulheres nos idos dos seus dez anos de idade que já estavam aptos para a lida na roça eram os trabalhadores do dia a dia.

Nos quintais, essa herança portuguesa, comumente rodeados de pés de manga, mamão, laranja, limão, cana-de-açúcar e outros cultivos de fácil adaptação ao latossolo predominante no Brasil conforme Toledo (2020?). Para todos os sítios a mesma configuração portuguesa com chiqueiros e galinheiros autoconstruídos.

A forma artesanal de produção, justificada pela ausência de energia elétrica, era substituída por lamparinas e lampiões. Dessa forma a relação com as cidades mais próximas se fazia necessária ao menos uma vez por mês. O contato rural/urbano estabelecia forte elo para compra e venda e raramente para o lazer. O núcleo negociava farinha, polvilho, leguminosas, ovos e em raras exceções, algumas hortaliças. Raramente, havia também nas opções de venda, um produto tradicionalmente conhecido no garimpo como Xibiu, uma denominação para

diamantes pequenos. Guardados a sete chaves nos picuás feitos de chifres e tampados por rolha de fibra de buriti, a palmeira oriunda das regiões úmidas e alagadas do Brasil.

A necessidade de comprar os alimentos que a roça não produzia se pautava pelo extremamente necessário. Somente os produtos de extrema relevância, como a querosene da lamparina, o gás do lampião e sal eram comprados na zona urbana. Quanto ao açúcar cristalizado frequentemente era substituído pelo melado da cana-de-açúcar e o mel colhido na mata. O óleo vegetal de soja era um artigo de luxo para a maioria que preparam seus alimentos com gorduras animais, resultantes das frituras feitas após o abate de bovinos e suínos ou retirados dos coqueiros nativos no cerrado. De característica fundamental nas comunidades rurais está o aproveitamento de tudo e sobrevivência no essencial, tanto quanto o reaproveitamento.

De sol a sol, o ciclo circadiano do cotidiano rudimentar, aqui colocado como singelo, limitado pela falta de recursos, de cada tempo e não como o grosseiro do qual se trata comumente como rudimentar. O sol para este povo da Várzea era a principal fonte de energia, do qual utilizavam dos primeiros aos últimos raios. A luminosidade servia de despertador para alguns, para outros, o cantar do galo ainda se ouvia antes da alvorada.

Havia, de certo modo, organização natural da comunidade que repetia atitudes de seus ancestrais, quase homogêneas, ponderadas por atos de ternura e honestidade tão queridas e conhecidas no povo caipira de mãos calejadas.

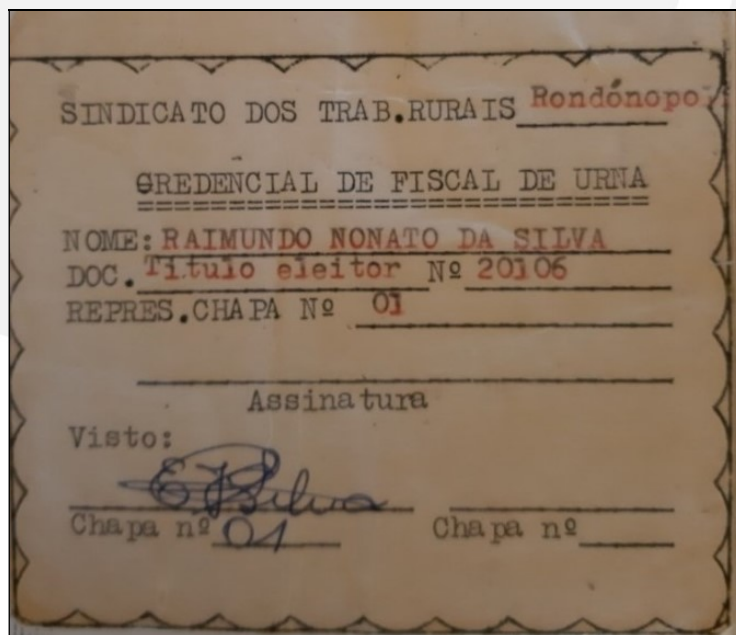
A falta de recursos, estes, tidos como urbanos e não da vida social do campo dos anos 1970 e 1980, começava pela inexistência do saneamento básico. Hábitos considerados básicos, como o uso de energia elétrica e água encanada eram ditadores da rotina nas casas e na lavoura. O entardecer significava recolhimento e descanso, o que contribuiu para economia de querosene das lamparinas e gás do lampião. As lanternas somente eram usadas em dias de caça e idas noturnas aos vizinhos em ocasiões especiais, igrejas ou reuniões da comunidade. Sobreviventes sem saber, num feliz vivido, sobrevivido, tão comum aos camponeses rurais do Brasil.

O sindicato rural

Conforme falado por Chiquim, pioneiro que ainda vive no mesmo lugar, antes da Várzea do Ouro, a propriedade de grande extensão territorial se chamava Fazenda Mararionópolis. O Sindicato dos Trabalhadores Assalariados Rurais de Rondonópolis contém memórias e na busca por documentos, registros, traços históricos do povo que viveu na Várzea do Ouro em determinado tempo com poucos registros e muitas memórias. O sindicato era o ponto de referência e de parada dos moradores da Várzea, mais precisamente nas décadas de 1970 e 1980 associados ao órgão, quando se deslocavam até a cidade. Pouco mudou na arquitetura do prédio. As memórias são contadas pelo, então secretário nos anos de 1980 e o Chiquim ainda morador da Várzea.

Na (figura 03) a comprovação do vínculo que Piauí mantinha com o órgão é um dos documentos que Santinha guarda em seus arquivos. Na imagem a credencial de fiscal em períodos de novos mandatos no sindicato. No pensamento de “Chiquim”, jovem senhor estudante de direito, prestes a se formar advogado: “Para o povo que iniciou a Várzea do Ouro o que faltou foi paciência”. Mas há que se lembrar do sociólogo Betinho: “Quem tem fome tem pressa!”, perfeitamente aplicável neste contexto.

Figura 03: Credencial de fiscal Sindicato rural



Fonte: Arquivo pessoal de dona Santinha (2019).

Hoje, depois de muita luta, Chiquinho possui suas terras documentadas. O morador de fala calma e simples, traduz a legitimidade e ternura de quem cresceu e viveu e vive em meio rural como pequeno produtor paciente. Segundo este quase nativo vindo do Nordeste ainda criança, a fazenda Mararionópolis era formada por terras devolutas, requeridas por Dió Mandioca. O senhor aqui citado havia adquirido o título das terras, contudo havia nesta região alguns garimpeiros que sobreviviam das pedras preciosas, em específico os diamantes, de tempos antigos, mesmo antes da obtenção do título que o senhor Dió havia adquirido. Conforme coloca o atual presidente do Sindicato dos trabalhadores Assalariados Rurais de Rondonópolis, no ano de 1983 houve procura desses moradores que viviam às margens dos Rios a garimpar e também do pequeno agricultor. Relata que na época era apenas secretário e acompanhava o movimento. Estes posseiros entraram em contato com o sindicato por meio do líder Raimundo Nonato (Piauí) para auxílio judicial. Segundo conta, essa comunidade de garimpeiros pagava comissão ao dono do título da Terra que alegava ser ali a Fazenda Mararionópolis. No entanto, as investigações apontavam que a data de obtenção do título da Terra por meio do senhor Dió Mandioca, constava ser posterior ao tempo que os garimpeiros viviam e produziam neste lugar.

Havia neste período o advogado que respondia como assessor jurídico do Sindicato e representava os moradores como primeiro povoado e entrou com recurso de usucapião, assim sendo, os antigos garimpeiros passaram a ter amparo do ponto de vista legal. A postura do órgão era de atender a demanda do povo deste lugar e colocar alternativas plausíveis, nunca de imposição. Nascia uma luz de esperança e informação, juntamente com disputas contínuas e sangrentas.

Entretanto, toda esperança é repleta de rebeldia e medo. As memórias registradas comprovam o que Carlos (2007) in Lefebvre (1983):

A memória aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irreduzível, é o que permite ao passado aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença. LEFEBVRE 1983, p.63 apud CARLOS 2007, p.49.

O sonho de viver em plenitude era alimentado pela confiança depositada na liderança de “Piauí” que sofre atentado em 1989. Com o passar dos anos o direito a viver na terra foi concedido por meio de usucapião, todavia o registro final só foi adquirido muitos e muitos anos depois. Alguns moradores já haviam falecido, outros

cansados e amedrontados fugiram. O título foi concedido de fato a apenas dois moradores, (Chiquinho e Santinha) que marcaram o início. Isso se explica pelo fato de a maioria da comunidade original, ou seja, a gênese desse lugar, não permanecer morando lá, migrando para outros locais nas proximidades e outros que mudaram de Estado na constante busca por melhores condições de vida.

Considerações finais

Em 1990 “Bastião Baiano” trocou 15 hectares de terra na Várzea do Ouro por uma casa de alvenaria com lote equivalente a quatro terrenos na corrutela próxima e pertencente ao município de Juscimeira MT. Estava incluído no pacote anunciado pelo comprador, o caminhão que levaria a mudança de poucos móveis e muitas tralhas. Fatos ocorridos em pequeno espaço de tempo. Tudo isso somado a recente viuvez de sua jovem esposa em 1988 e a morte violenta do líder Piauí em 1989. Esse movimento não foi único desse morador e se repetiu a muitas famílias que por lá viveram. Na nova morada, água encanada, luz elétrica, banheiro anexo a casa, escola com salas separadas para cada ano letivo. A vida seria refeita. Não houve despedidas, apenas pressa e medo. Não havia mais escola rural mista, igreja, animais para tratar ou a horta para regar. Apenas recomeço.

No presente estão contidos o passado e a proposta de futuro. A história da Várzea do Ouro até o momento não havia sido contada e registrada. Ao que compreende as percepções da Oliveira (1999) sobre a importância de não desperdiçar o conhecimento vulgar geográfico do senso comum como grande artifício para responder questões buscadas localmente. Coloca-se, então, a lupa sobre este lugar e junto com ela vários assuntos para a reflexão encontrados na zona rural. Das três verdades do velho provérbio oriental; a minha, a sua e a propriamente dita, que alimenta as buscas por verdades menos oficiais, porém amparadas no conhecimento científico. Com o olhar de quem está do lado de cá da história.

O limiar da modernidade no campo promoveu ganhadores e perdedores. O imenso Brasil repete ainda hoje as velhas maneiras do passado, sem desmerecer avanços, se comparados ao sistema semifeudal que ainda guarda resquícios, infelizmente, embora pormenorizados. As lutas sociais no campo desde as Ligas

Camponesas em 1950 no nordeste brasileiro já denunciavam a situação caótica e a necessidade da reforma agrária. No entanto, a injusta briga do mais forte com o mais fraco aumenta a cada dia.

O lugar aqui retratado, demonstrou as ideologias políticas de variadas interpretações e de grande má vontade por parte do poder público para com a humanidade que buscava e busca a eficácia da função social da Terra prevista na Constituição Brasileira. Nessa procura muitos que esperam se desesperam, o que leva a quebra de planos ou sonhos. Fato ocorrido na comunidade rural de várzea do Ouro, evidenciou o movimento de êxodo, na sua maioria se explica pelo terror rural vivido na década de 1980. Bem como, a falta de infraestrutura: escolas, atendimento médico, saneamento básico e muitas outras acomodações, até então, encontradas somente em Rondonópolis que vinha se desenvolvendo como cidade. Para Lima (2000) considerado como evasão do meio rural, resultado da pressão sobre terras camponesas e consequentes conflitos. Na busca por sobrevivência, a cidade cresce sem a estrutura necessária e básica para se viver com o mínimo de dignidade, devido à sobrecarga que esse movimento do rural para o urbano, causa nas cidades, que já possuem suas deficiências estruturais.

Várzea do Ouro ao que se pode considerar é um lugar estabelecido em meio ao caos e a crise, seja ela econômica, social ou pessoal. Neste fragmento, espelha-se as consequências causadas pelos anos de chumbo de 1964 a 1985 e o sonho da reforma agrária que teoricamente representava o estatuto da terra. Este, por sinal, duramente reprimido e usado como plano de governo para os militares. Apresenta também o virar e revirar alucinante dos solos arenosos em busca dos minerais que daquelas terras de águas aflorantes e rasas brotavam em poucas cavadas. Dando nomes e territorializando o Manchão da Onça, Manchão da Confusão, Manchão da Nita, Manchão do Caco e Manchão do Rebaixo.

É importante reconhecer que se identifica neste trabalho a principal resposta de Lacoste, (1988): isto - a geografia - serve em primeiro lugar (embora não apenas) para fazer a guerra. Pois aos que são empurrados para as baixadas, vales, quebradas e várzeas naturaliza-se normal viver em guerra, como se a vida também fosse sinônimo de Guerra, porém, sem obter o conhecimento sobre as estratégias da guerra sistêmica. Obedecer às ordens sem entender a razão de suas existências.

Entretanto, estar “dentro” do povo de “dentro” não permite tal entendimento. Em primeiro lugar não há políticas públicas suficientes que permitam esse conhecer. Caso houvesse tornaria arma letal ao sistema de poder imposto. Então, não se pode banalizar que crianças cresçam vendo líderes de comunidades rurais morrerem à tiros por lutar por um pedaço de chão para plantar e colher. Para Oliveira, (2007) no capitalismo, a terra, transformada também em mercadoria, tem um preço, mas não tem valor, porque não é produto criado pelo trabalho humano. Logo, a transformação do espaço vem dos processos endógenos e exógenos, ao que se insere o trabalho. E o trabalho não é capaz de fabricar a terra que já está pronta geologicamente. Temos aqui uma contradição bem típica da introdução do capitalismo no meio rural. Não por acaso, (FERNANDES, 2008, p. 48) chega a comparar o fluxo da mudança social “a uma espécie de afluente, que desaguava em um rio velho, sinuoso e lerdo”.

É primordial e urgente que as instituições de ensino estudem as pequenas comunidades, suas culturas e Brasilidades. O discurso epistemológico acadêmico, por mais necessário e sentido que faça ainda não chegou ao campo. As palavras difíceis da filosofia, psicologia, sociologia e isso inclui a geografia; faz apenas eco nas pequenas comunidades. Mensagem truncada e inteligíveis na maioria das vezes e sem carinho estratégico.

A Várzea do Ouro entra nesta discussão catando memórias e realidades, ou seja, volta-se ao passado e busca o presente. Um assunto comunicado com clareza e emoção, porém, dentro dos moldes academicistas. As mudanças são imprescindíveis, isto posto, o que se tem adiante é mistério, no entanto é fundamental que haja informações sobre o que leva as coisas serem como são e estão, do ponto de vista acadêmico, político, social e estrutural.

Informações com olhar voltado para a realidade dos fatos e a razão dos fatos serem do jeito que são e não de outra forma. Ou seja, é preciso que o olhar seja de dentro para fora. Um olhar que seja de quem vive e sente na pele o cotidiano usurpador por parte dos donos do poder econômico e político. Em nosso país o poder econômico e político se confunde e, cabe a esse olhar crítico, o papel de denunciador dessa realidade que tanto destrói os menos favorecidos. Assim sendo é interessante que saibamos que essa engrenagem de produção do espaço geográfico está a serviço da elite dominante e por isto mesmo é preciso que a Geografia contribua na

conscientização de como tudo funciona ao bel prazer do capitalismo periférico e aí Pereira nos afirma que:

A dialética deve ser a mola propulsora de qualquer discussão geográfica. E mais, a Geografia pode e deve, por exemplo, denunciar as camuflagens existentes na (re) produção do espaço geográfico. O homem comum, de certa forma, sabe como funciona a produção do espaço geográfico. Ele não entende as engrenagens produtivas que o expulsa para cada vez mais distante, por exemplo, nas periferias das médias e grandes cidades brasileiras. Ele sabe que os bairros mais ricos, abastados são até produzidos por ele (Ele, Essa (des/re) organização do espaço vai depender direta ou indiretamente da análise crítica e dialética dos profissionais da Geografia. Explicando um pouco melhor tal assertiva, os profissionais da Geografia têm a incumbência de melhor entender explicar o que acontece na formação do pedreiro; Ele, servente; Ele, gari; Ele guarda de grandes mansões; Ele, limpador de piscinas; Ele, segurança dos grandes empresários, etc.), mas que lhes nega a possibilidade de habitá-lo, mas não entende como tudo isso funciona. Cabe, entre outros objetivos da Geografia, ajudar aos menos esclarecidos a entender todo esse processo de exclusão social. É tarefa dos professores de Geografia a conscientização do povo, da sociedade desassistida de tal conhecimento. O conhecimento não propriedade de ninguém, mas dentro do sistema de produção capitalista ele tem dono. O dono dele é quem tem o capital, mas podemos mudar isto, fazendo a nossa parte. (PEREIRA, 2020, p.33).

As crianças desta comunidade rural cresceram ouvindo sobre reforma agrária e temendo o comunismo, sem a possibilidade de estudá-los, escolhê-los, descartá-los ou entendê-los. Porque ao povo menos abastado é ensinado obediência servil, caso contrário, Inês é morta? Não. Ainda há tempo.

Necessita-se de sofisticada releitura da realidade para que a narrativa reverbere em ajuda para grupos sociais em ambiente de menos competição selvagem.

A modernidade do agronegócio tem mundializado o espaço rural de forma plástica sem respeitar os viveres e os saberes dos que já estão na terra há tempos. É desafiante porque aos próprios atores desta realidade lhe é negado a identidade e o orgulho de ser quem são. O fetiche do capitalismo tem incentivado e introduzido o sonho americano que mina e extermina culturas internas e próprias do Brasil, como a cultura caipira exemplificada aqui. A tecnologia precisa e deve ser introduzida em todas as esferas da sociedade, todavia, é preciso repensar sobre esse poder de mando que seduz e substitui culturas. A desigualdade gerada nesses conflitos não é vantajosa para ninguém, pois gera medo, grades, cercas e porteiras, tanto para quem lucra, quanto para quem padece.

São muitas as reivindicações vindas do campo aqui descrito. Há o esquecimento programado, adiando acontecimentos que já existem no papel para inglês ver ou direcionados para locais estratégicos. Resquícios das raízes históricas, nota-se, até então, refletido nos hábitos alimentares, vestimenta, hábitos noturnos e diurnos do cotidiano deste povo. Perpetuam a força desse modo de vida, tida como jocosa para a vida urbana que que nada mais é, que a continuidade deste povo rural. Foi visto a dependência ecológica no conhecimento farmacológico das espécies vegetais do cerrado que ainda é presente, embora se perceba o desaparecimento de muitas espécies para a pastagem. A mandioca continua sendo a rainha do Brasil e da Várzea ouro. Os diamantes sumiram da ladeira do Manchão da Onça. O cerrado da várzea do ouro, assim como o Pantanal, a mata atlântica e amazônica e junto os recursos naturais em simbiose são mirrados. E nós (humanos (as)) somos vítimas e financiadores desta realidade.

Um povoado nascido na ditadura e crescido na abertura democrática, geração analógica que viu o limiar da tecnologia em fragmentos quase imperceptíveis que hoje domina o agronegócio. Apesar disso, impossível não relembrar das mulheres lavadeiras dos córregos, brasileiras e paraguaias, Anas, Marias, Alziras, Sebastianas, Ricardinas e Santas e Katarinas. Algumas únicas, porém, grandiosas ao ponto de serem descritas no plural. O lugar dos Josés; rosa, roxo e coloridos. Dos Quincas, dos Manelins, Manelões e Raimundos. Augustinhos, Augustões. Lugar de Franciscos, Chicos e Chiquins. Das crianças que enxergavam as ladeiras de várzea como altas montanhas a serem escaladas, sem verdades construídas, como em modo de espera na euforia de ser criança como escreveu MÂE, 2017.

E mesmo diante de tantos fatos que minam a dignidade da vida, e aqui mora o (embora não apenas) de Lacoste. Quando perguntados se gostariam de voltar a viver no povoado, a maioria dos entrevistados dizem que sim. Paradoxal, se comparado as dificuldades e medos vividos, mas isso comprova que o lugar é como a casa do pertencimento e das emoções. Porém, há os que jamais voltariam por entender um pouco mais de direitos básicos sobre viver e sobreviver. Foi o lugar de Pedros, Diós e Chicos Doidos tão assustadores quanto as onças e ventos das duas estações do cerrado. Porém, apaziguados pela fé de Manelão e Geovaninho nos cultos da igreja evangélica. Pela esperança plantada no intelecto das crianças por professores vindos das cidades, aqui lembrado por Silvia, Neiva, Marailza e Bortolote.

A comunidade é hoje composta com cerca de 75% de caseiros, ou seja, trabalham assalariados, mas não são proprietários. A maior parte dos sitiantes ainda não tem documentação legal da propriedade. Uma briga que se arrasta na justiça entre posseiros e detentores de títulos nos dias atuais.

A Várzea do Ouro de 2020 empresta sua paisagem para o Plantio do pasto fomentando assim a grande indústria da carne, ou seja, o grande pecuarista. O Brasil é a fazendinha do mundo, e Mato Grosso é celeiro o que compreende desmatamento e degradação do solo e extinção de espécies.

Escrever acerca de Várzea do Ouro é sem dúvida alguma um grande desafio e, ao mesmo tempo, desabafo sobre assassinatos e violências gratuitas sofridas pelo seu povo a mando do poder aviltante no Estado brasileiro que não respeita o direito democrático do cidadão comum e humilde economicamente falando. Isto posto, já é sabido que o discurso da luta precisa mudar, a reforma agrária já acontece todos os dias no Brasil e privilegia o latifúndio. O que precisa acontecer é a revolução política que automaticamente dará vislumbre ao lugar de fala dos pequenos produtores e de toda a riqueza cultural contida nos pequenos lugares. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra tem desenvolvido esse papel, por mais acidentado que seja esse terreno da desigualdade. O povo da várzea infelizmente não conheceu o MST que só se tornou forte depois de 1980. Dessa forma o lado governista brasileiro em todas as instâncias precisa reduzir o discurso politizado e complicado.

Felizmente, embora cansados, já em 2020 há em Santinha e Chiquim o pequeno e significativo gosto da esperança, sobreviventes das dificuldades da roça. Entretanto, longa é a travessia de reconhecimento para que a vida possa ser menos difícil a fim de construir um mundo melhor.

Para Suertegaray 2019, ‘O diálogo que não se encerra com conclusões, o debate é contínuo e as ideias se forjam no movimento espaço-temporal’.

É para os mártires dessa luta brasileira que compreende os Brasis, com encontro de culturas e lutas que escrevemos. Das lutas que compreendem Irmã Dorothy Stang à “Piauí” parafraseamos o Guimarães Rosa: “Um dia ainda entra em desuso matar gente”. Em síntese, ressalto o cerrado mato-grossense que ao ser desmatado e queimado, vai morrendo um pouco a cada dia. Dessa forma, espero contribuir, através das memórias aqui contidas para uma discussão humana, política

e social do povo do campo. E então se dirá cantando que o arroz deu cacho e o feijão floriô, milho na palha, coração cheio de amor.

[1] Nas regiões de garimpo (ger. de diamantes), lugar com grandes pedras roladas e descobertas.

[2] Encontrar por bambúrrios ('acaso') ouro, diamantes ou outras pedras preciosas, e enriquecer.

[3] Terrenos com maior evidência de mineral precioso, cavado manualmente por garimpeiros.

[4] Ramagens a que se põe fogo nas roçadas para desembaraçar o terreno e adubá-lo com as cinzas, facilitando a cultura; fogueira. <https://www.dicio.com.br/coivara/>

Referências

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 12. ed. São Paulo: EdUSP, 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil** – Ensaios de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zанhar, 1975.

_____. **Mudanças sociais no Brasil** – aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução: Doralice Barros Pereira, Sérgio Martins do original: **La production de l'espace**. 4. éd. Paris: éditions anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O vale de Campan**: estudo de sociologia rural. São Paulo, EdUSP, 2011.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

MÂE, Valter Hugo. **A Desumanização**. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **O cativo da terra**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Fronteira Amazônica Mato-grossense: grilagem, corrupção e violência**. São Paulo: IANDÉ EDITORIAL, 2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

PEREIRA, Aires José. **Ensaio Geográficos e Interdisciplinaridade Poética**. 6. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2017.

SUERTEGARAY, D. M. A; PAULA, C. Q. **Geografia e a questão ambiental, da teoria à práxis ambientais**. Volume 1, número 1, 2019.

SUZUKI, Júlio César et all. **Espaço, sujeito e existência: diálogos espaço geográfico das artes**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

TARIFA, José Roberto. **O Clima do (no) campo**. Departamento de Geografia, FFLCH-USP. Revista GEOUSP, Volume 3, Número 2, 1999, p. 107 – 114.